

A Memória-crítica nos Relatos Autobiográficos de Thomas Bernhard

Geisa Mueller¹

Titel: Das kritische Gedächtnis im autobiographischen Berichte von Thomas Bernhard

Title: The critical memory in autobiographical accounts by Thomas Bernhard

Palavras-chave: Thomas Bernhard; relatos autobiográficos; Paul Ricoeur.

Schlüsselwörter: Thomas Bernhard; autobiographische Berichte; Paul Ricoeur.

Key-words: Thomas Bernhard; autobiographical accounts; Paul Ricoeur.

Introdução

Ao ponderar sobre a memória funcionar como matriz da história, Ricoeur (2007) articula textos que apresentam teses opostas com o propósito de pontuar uma linha de força da historiografia em que a memória é empregada como objeto da história, linha da qual a historização da memória é o contraponto. Neste sentido, é referendada a dialética entre história e memória coletiva para esclarecer o prevaecimento de uma cultura relacionada ao passado da Europa cristã católica, sublinhando que, nesse legado cultural, a **presença do ausente** é apagada; já na historização da memória é destacada a correlação entre crise histórica e crise mnemônica: entre-lugar propiciador de arestas cujas possibilidades interpretativas ensejam a elucidação em relação ao apagamento operado pela história oficial (cf. RICOEUR 2007).

No confronto entre a história da memória e a historização da memória foi preservada uma dialética aberta porque a memória exerce a função de matriz da história; logo, essa proposição aponta dois movimentos, o primeiro toca na subordinação da memória à história, sendo que o segundo indica a “pretensão da memória coletiva de avassalar a história pelo viés dos abusos de memória, nos quais podem se transformar as

¹ Pós-graduanda em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (Doutorado – PG Letras UFPR/CAPES DS); E-mail: geisamueller@gmail.com.

comemorações impostas pelo poder político ou pelos grupos de pressão” (RICOEUR 2007: 403).

Demonstrada através da fenomenologia da memória e calcada na marca de anterioridade – do testemunho que instaura um “antes” e um “depois” –, a investigação epistemológica da história entrelaça acuidade analítica a uma responsabilidade de cunho ético. Pois problematiza o termo “justiça” ao transpor para o plano da memória coletiva e da história as categorias patológicas psicanalíticas, a saber, o trabalho da memória e o trabalho do luto (a perlaboração/a rememoração). Nisso consiste a pedra de toque do estudo contido em *A memória, a história, o esquecimento*, que, tendo em vista a *Shoah*, atesta o quão profundamente é preciso exercer a lembrança para chegar ao esquecimento.

Reportando-nos aos relatos autobiográficos de Thomas Bernhard, verificamos como o fluxo de pensamento criado pela linguagem bernhardiana não só emula o processo da memória, como também instaura a correlação entre crise mnemônica e crise histórica. Assim, o eu-autobiográfico desvela os abusos de memória cometidos pela narrativa histórica oficial. A emulação do processo mnemônico é evidente na forma de publicação dos relatos autobiográficos (*Die Ursache. Eine Andeutung*, 1975; *Der Keller. Eine Entziehung*, 1976; *Der Atem. Eine Entscheidung*, 1978; *Die Kälte. Eine Isolation*, 1981; *Ein Kind*, 1982), isto é, a intenção do escritor é embaralhar a ordem temporal desconsiderando a cronologia que pressupõe as etapas do desenvolvimento humano. Já que o que está em jogo é o inesgotável verbal do fluxo de pensamento, a indisciplina do eu-autobiográfico a criar uma realidade fragmentária, na qual o substrato do totalitarismo é pulverizado tanto no conteúdo como na forma narrativa. Nesse sentido, a emulação do processo mnemônico está conjugada ao modo como a narrativa, valendo-se da repetição com variações, embola nossa leitura, arranha nossas certezas, ou ainda, esvazia a soberania da discursividade, por exemplo, em *A causa*:

Embora eu tivesse muitos parentes na cidade, nas velhas casas dos dois lados do Salzach que eu visitava quando criança, sobretudo em companhia da minha avó, quando vínhamos do campo – e posso afirmar que entre meus parentes estavam e estão centenas de cidadãos de Salzburgo –, nunca senti a menor vontade de procurá-los, duvidava instintivamente da utilidade de tais visitas às casas de parentes, de nada teria adiantado contar minha dor àqueles parentes, que, **hoje vejo, e não apenas sinto instintivamente** como no passado, são gente enclausurada em sua labuta diária na produção da estupidez; teria deparado com nada mais do que a incompreensão total, do mesmo modo como, se fosse visitá-los hoje, depararia apenas com incompreensão. O garoto que, de mão dada com a avó, outrora visitava todos aqueles parentes, um após o outro, a cada evento

familiar que se apresentava, parentes em parte muito bem de vida [...]. Do avô ouvira também, claro, uma descrição nada menos do que terrível dos parentes. Assim, eu, que tinha mais parentes na cidade do que todos os outros colegas de internato, a maioria dos quais não tinha parente nenhum em Salzburgo, era também o mais abandonado de todos. Nem uma única vez, nem sequer no pior dos apuros, entrei na casa de um dos parentes, sempre **passava por suas casas, é certo, mas nunca entrei**. (BERNHARD 2006: 150-152, grifos no original).

A repetição é percebida, no excerto acima, pelo uso do verbo “visitar” e pelas variações de sentenças feitas através do substantivo “parente” (parentes na cidade; entre meus parentes; às casas de parentes; àqueles parentes; todos aqueles parentes; parentes em parte; terrível dos parentes; parentes na cidade; parente nenhum; um dos parentes). Tais parentes são as centenas de cidadãos de Salzburgo: a causa da irradiação da estupidez católica e nacional-socialista. Os cidadãos de Salzburgo presentificam um outro tipo de repetição, visto que correspondem ao apagamento da lembrança promovendo o inverso da rememoração, esta, no conceito freudiano, consiste na reflexividade enfatizada pelo sentimento de penosidade ligado ao esforço, “que pode ser comparada, enquanto trabalho de lembrança, ao esforço de recordação [...]” (RICOEUR 2007: 55), pertencente, portanto, ao pathos – ao sentir –, e não ao sofrer.

É justamente através do sentir, isto é, da perlaboração, do esforço direcionado para a elaboração interpretativa do problema a ser resolvido, que é estabelecida a **presença do ausente**. Sob tal aspecto, a linguagem bernhardiana utiliza a repetição para instaurar humor, bem como para repelir a memória-repetição, cuja ideologia está centrada no papel de vítima assumido pela Áustria em relação aos crimes nazistas, razão pela qual o eu-autobiográfico dos relatos aborda temas como o austro-fascismo, o nacional-socialismo austríaco, o antissemitismo e o papel da Áustria na Segunda Guerra Mundial. O solilóquio responsável por orquestrar as repetições – recurso expressivo incontornável na obra de Bernhard, que esvazia a verdade absoluta através da dramaticidade cômica do exagero – é designado de *Kopftheater* e, sobre a dinâmica do *Kopftheater*, no relato *O porão* há a seguinte explanação:

O teatro que eu inaugurei na minha vida aos quatro, cinco, seis anos de idade é já um palco fascinado por suas centenas de milhares de personagens, as apresentações melhoram desde a estreia, os objetos de cena foram trocados, os atores que não entendiam a peça, descartados, e sempre foi assim. Cada uma dessas personagens sou eu mesmo, assim como todos os objetos de cena e também o diretor sou eu. E o público? Podemos expandir o palco até o infinito ou espia-lo reduzido à dimensão de uma miniatura da nossa cabeça. (BERNHARD 2006: 310-311).

O esvaziamento da discursividade

Em diferentes passagens de *A causa*, o eu-autobiográfico indica a visão do apagamento da memória-crítica no que diz respeito aos traumas ocasionados pela guerra:

Até hoje não esqueci os mortos cobertos com lençóis no gramado à entrada da cooperativa e, sempre que me aproximo da estação, ainda vejo aqueles mortos e ouço as vozes desesperadas dos parentes deles, o odor da carne queimada, humana e animal, íntegra, ainda hoje, recorrente, aquela cena terrível. [...] A rua ainda se chama Fanny-von-Lehnert-Strasse, e a cooperativa foi reconstruída no mesmo lugar, mas hoje, quando pergunto às pessoas que moram e (ou) trabalham ali, ninguém mais se lembra do que vi naquela rua, o tempo sempre transforma suas testemunhas em esquecidos. (BERNHARD 2006: 139);

Hoje há um cinema onde ficava a hospedaria em que a senhora de Hannover me ensinava inglês, e quando toco no assunto ninguém sabe do que estou falando, ao que parece, sem exceção, perderam a memória das muitas casas destruídas e das pessoas mortas, esqueceram tudo ou não querem nem ouvir falar do assunto, quando lembrados; sempre falo dessa época terrível quando vou à cidade, mas a reação das pessoas é balançar a cabeça. (BERNHARD 2006: 144-145).

Também verificável em outros momentos da narrativa, o “ainda vejo” ilumina o caráter testemunhal, elemento que faz com que a imagem do passado retorne como lembrança, como rememoração, motivo pelo qual é possível o ausente tornar-se presente. O processo de rememoração do eu-autobiográfico é constatado pela ironia com que as outras testemunhas são apontadas, pois o eu-autobiográfico não coloca em dúvida a sua recordação/a sua visão, mas o discurso, ou melhor, a memória-repetição dos cidadãos de Salzburgo: não é o tempo a transformar suas testemunhas em esquecidos mas as testemunhas a impedir o trabalho da memória.

Hoje, os templos de Salomão aí estão para olvidarmo-nos uns ao outros.

Neste sentido, as narrativas históricas oficiais cometem abusos quando insistem em exercer a memória-repetição que, ao contrário da memória-lembrança, é deficitária em formulações críticas; o mau uso do “dever de memória”, este implica no dever de não esquecer, torna-se abuso de memória quando as celebrações ligadas ao fortalecimento de uma identidade, seja ela partidária e/ou religiosa, étnica etc., é estruturada a partir da negação da alteridade, assim engendrando as feridas simbólicas

armazenadas nos arquivos da memória coletiva (cf. RICOEUR 2007). O paradoxo reconhecido pela experiência histórica – **excesso** ou **insuficiência** de memória – traz à nossa reflexão os obstáculos enfrentados no trabalho de rememoração, isto é, na reinterpretção das narrativas. Por esses motivos, sugerimos que o escritor austríaco utiliza a experiência do pós-guerra para ressignificar o papel da discursividade através do seu esvaziamento, já que o exagero presente na linguagem bernhardiana consiste num procedimento narrativo que desestabiliza qualquer edificação da verdade. No que se refere ao conteúdo, a experiência do pós-guerra é aguda quanto à capacidade de recordar, razão pela qual o eu-autobiográfico dá vazão ao sentir em detrimento do analisar e do sofrer, pois, se

[o]s fatos são sempre assustadores, não devemos permitir que o medo doentio deles, vigoroso e em ação constante em cada um de nós, venha a encobri-los, falsificando assim toda a história natural, como história humana, e passando adiante essa história sempre falsificada por nós, apenas porque é hábito falsificar a história e passá-la adiante como história falsificada – menos ainda quando sabemos que toda a história foi falsificada e passada adiante como tal. (BERNHARD 2006: 130-131).

O eu-autobiográfico torturado pelo regime do Internato Nacional-Socialista para Meninos faz emergir os fatores emocionais da guerra, bem como da experiência do pós-guerra e, sob esse aspecto, a escrita de Bernhard leva os fatos às últimas consequências. Segundo Dagmar Lorenz (2014: 93), “a maioria dos austríacos (e alemães) conseguiam se identificar com a agressividade de Bernhard. Eles reconheciam a retórica e a trajetória das acusações de Bernhard, por isso elas eram tão efetivas e ele teve tanto sucesso”. Essa habilidade de provocar a reação emocional do espectador e do leitor é uma característica da linguagem bernhardiana que não é de fácil apreensão, ela também pode ser percebida na máscara de encrenqueiro que Thomas Bernhard erigiu como uma espécie de avesso à mentalidade pequeno burguesa de sua terra natal.

Por fim, a escritura de Bernhard é capaz de criar um espaço de reflexão política através da pulverização da verdade absoluta, do esvaziamento da discursividade, lugar no qual o fluxo de pensamento agrega o total escracho em relação à hipocrisia de uma sociedade (a nossa?) embelecada com a ideologia dos que detém o poder. Embeleco que suscita o apagamento da lembrança e, por conseguinte, a inoperância da memória-crítica; logo, autentica a violência em diversas instâncias ao transformar as testemunhas

em esquecidos – memória-repetição cujo sadismo é naturalmente (para dialogar com um termo caro ao escritor austríaco: *naturgemäß*) exercido em determinados corpos.

Referências bibliográficas

BERNHARD, Thomas. *Origem*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LORENZ, Dagmar. *O outsider estabelecido: Thomas Bernhard*. IN: BOHUNOVSKI, Ruth (Org.); KONZETT, Matthias (Ed.). *O artista do exagero: a literatura de Thomas Bernhard*. Curitiba: Editora UFPR, 2014, 75-99.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007. Reimpressão.